

(In)visibilidades Mediáticas e Migrações: Desafiar Apagões e Silêncios

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.196.1>

Rosa Cabecinhas

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-1491-3420>
cabecinhas@ics.uminho.pt

Luiza Lins

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-6131-9264>
luizaalins@gmail.com

Isabel Macedo

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-4107-3997>
isabelmaced@gmail.com

No dia 28 de abril de 2025, Portugal e Espanha viveram o que foi considerado o maior apagão europeu em mais de 20 anos, tendo dado azo a uma extensa campanha de desinformação que incluiu diferentes narrativas, desde ataques cibernéticos da Rússia a anomalias atmosféricas. O relatório técnico oficial, publicado alguns meses depois, entre outras conclusões, apontou que a falha teve origem em um conjunto de oscilações no sistema elétrico ibérico, o que provocou uma subida de tensão acima dos limites operacionais. Entretanto, não são os aspetos técnicos que justificam a presença do acontecimento nesta introdução, mas o entendimento de que este não foi apenas um “apagão de luz”: foi um apagão nos modos de vida e na conectividade a que estamos habituados e que damos por adquiridos. Durante muitas horas (na cidade de Braga, o apagão de luz durou cerca de 11 horas, mas em muitos lares apenas a meio do dia seguinte seriam restabelecidas a luz e a água corrente), vivenciou-se um apagão da rotina e de uma dita “normalidade” comunicacional.

Ora, foi precisamente no dia 28 de abril que se iniciou o congresso internacional “Migrações e Comunicação na Era Planetária: Debates e Ações”, mais propriamente o pré-evento, que começou pela manhã com uma visita guiada à cidade, por Chisoka Simões, intitulada “Histórias Cruzadas: Colonialismo e os Caminhos para a Decolonialidade em Braga”. Quando a visita estava a terminar, começámos a notar que as pessoas à nossa volta mostravam sinais de inquietação e verificavam incessantemente o telemóvel. Várias de nós começámos a receber mensagens alarmantes nos telemóveis, antes de ficarmos sem rede, e, quando a visita guiada terminou, o restaurante que tínhamos reservado para o almoço não podia operar. O pré-evento foi profundamente afetado pelo apagão, impondo reflexões e escolhas sobre reconfigurações, sobre como comunicar a todas as pessoas envolvidas as possibilidades de realizá-lo sem acesso à energia, sem conexão à internet, entre outros questionamentos.

Apesar da situação de incerteza, decidimos manter a pré-conferência da tarde, prevista para o auditório da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, que incluía uma mesa-redonda e uma sessão de visionamento e debate de curtas-metragens do projeto *MigraMediaActs*. Sem definições sobre a causa do apagão e sem previsão de seu término, realizamos uma sessão única, em formato circular, com apenas a oralidade e a luz natural. Discutiu-se comunicação, sem acesso ao aparato técnico e às conexões digitais a que estamos habituados. O debate foi animado e ficámos na biblioteca até quase ao lusco-fusco. Quando saímos da biblioteca, sentimos que estávamos fora do mundo. Muitos bens essenciais já estavam esgotados nos supermercados, valendoneos das pequenas lojas de bairro, de produtores locais e/ou de migrantes.

Embora vários participantes do congresso tenham chegado de véspera a Braga, a grande maioria tinha a chegada prevista para esse dia. Alguns dos nossos convidados internacionais, ao chegar a Braga no dia 28 à tarde (uma cidade que alguns visitavam pela primeira vez), depararam-se com uma situação inédita: as máquinas ATM fechadas, os restaurantes fechados e a ausência de rede móvel – o que impedia não só a comunicação à distância, mas também os pagamentos eletrónicos habituais e a navegação assistida eletronicamente. Nestas circunstâncias, foi preciso encontrar alternativas de encontro e alimentação. Sem acesso a mapas digitais e à comunicação mediada por dispositivos eletrónicos, desenhamos mapas à mão, distribuídos por vários hotéis da cidade, com instruções simples de navegação para um local de encontro ao final do dia. À luz das velas e num contexto de grande incerteza, partilharam-se emoções e fizeram-se planos de “contingência” para o dia seguinte.

Na manhã do dia 29 de abril, apesar de já haver eletricidade, a plataforma Zoom ainda não funcionava e não foi possível a transmissão prevista via *streaming* das sessões para quem participaria remotamente, o que se traduziu em trabalho extra inesperado de reprogramar as sessões online. O *coffee break* da manhã chegou atrasado, pois as padarias não conseguiram operar nas horas habituais e várias outras questões logísticas ainda não haviam sido resolvidas. Mas, apesar de todas as contingências, a recordação que temos desses dias é de uma troca profunda de ideias, de aprendizagem mútua e de intensa partilha.

Assim, o congresso internacional “Migrações e Comunicação na Era Planetária: Debates e Ações” decorreu de 28 a 30 de abril, na Universidade do Minho. O evento foi organizado como conferência de encerramento do projeto *MigraMediaActs – Migrações, Media e Ativismos em Língua Portuguesa: Descolonizar Paisagens Mediáticas e Imaginar Futuros Alternativos*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e sediado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Como referimos, as atividades do congresso tiveram início no dia 28 de abril, com o pré-evento “Visões (De) coloniais: Diálogos em Cultura Visual, Alteridades e Ativismo”, organizado em parceria com o Grupo de Trabalho de Cultura Visual da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, o projeto *CONCILIARE – Confidently Changing Colonial Heritage* e o Mestrado em *Media Arts*.

Ainda no quadro da programação do congresso, ao longo do mês de abril, decorreu o ciclo de cinema “(Sobre)vivências num Mundo Inóspito – Olhares Sobre Exclusões e Resistências”, na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, organizado pelo Lucky Star – Cineclub de Braga, em parceria com o projeto *MigraMediaActs* e o Fórum Cidadania pela Erradicação da Pobreza – Braga, associado à Rede Europeia Anti-Pobreza. Este ciclo apresentou filmes sobre migrações e desigualdades sociais, e contou com a presença de realizadores, académicos e ativistas, tendo proporcionado momentos de reflexão com a comunidade.

Nos dias 29 e 30 de abril estava prevista uma extensa programação, com lançamentos de livros e revistas académicas, mais de 15 sessões de apresentação de trabalhos científicos, além da exibição de filmes, debates com os realizadores e intervenções artísticas. Neste programa, estavam envolvidos, presencialmente e/ou na modalidade online, mais de 160 participantes de África, Ásia, Europa e América Latina, incluindo docentes, discentes, investigadores, artistas e ativistas. Diante da dimensão do congresso e do grande número de participantes que já se encontravam na cidade após longas deslocações, concluiu-se pela necessidade de prosseguir com as atividades, ainda que fossem necessárias algumas adaptações importantes. Prosseguir, sobretudo, para que fosse possível discutir e desafiar apagões, silêncios e (in)visibilidades mediáticas.

A proposta inicial do congresso era promover um espaço para questionar, repensar e reconstruir percursos comunitários através da comunicação, em um contexto planetário fragmentado e polarizado, em que *fait-divers* quotidianos são propagados à exaustão pelos média enquanto se silenciam genocídios. De facto, ao mesmo tempo que se assiste a um desinvestimento nas políticas públicas que visam garantir a todas as pessoas a fruição de uma vida digna e feliz, verifica-se uma corrida ao armamento, erguem-se muros para impedir a entrada de “imigrantes ilegais” e implementam-se custosos e invasivos mecanismos de vigilância eletrónica e de perfilagem automatizada com auxílio da chamada inteligência artificial, determinando quem merece viver com dignidade e quem conta apenas como estatística.

O atual ecossistema mediático, as chamadas *big tech*, a plataformação e datificação, têm contribuído para a normalização da guerra e a banalização do sofrimento

do Outro, replicando velhos padrões de desatenção e invisibilização de grupos minorizados, nomeadamente os migrantes e pessoas racializadas. Assim, ao mesmo tempo que se esgotam recursos do planeta, agravando ainda mais as situações de extrema pobreza e os efeitos das alterações climáticas, reificam-se imaginários belicistas e excludentes.

Como bem salientou Manuel Chaparro, na sessão plenária de abertura do congresso, não podemos calar o genocídio que está a decorrer em Gaza. Algumas guerras são esquecidas pelos média enquanto outras estão sempre presentes, mas as suas vítimas são emudecidas e apagadas como pessoas, sendo quase todo o tempo de antena ocupado com as vozes dos que têm atizado a guerra, enquanto alegadamente negociam a paz sem a participação das pessoas que vivem nos territórios em causa ou que deles foram forçadas a partir. Estas são apenas números, sombras no meio dos escombros, braços pedintes e olhares de desespero, imagens que nos fazem fechar os olhos e, pouco a pouco, nos dessensibilizam do sofrimento do Outro.

O projeto *MigraMediaActs* teve como objetivo geral analisar conteúdos mediáticos em língua portuguesa, buscando compreender como se desenvolvem os processos de descolonização das paisagens mediáticas e como diferentes atores sociais contribuem para esses processos. Ao longo do projeto, foram analisados diversos média, procurando perceber quem é ouvido, como e sobre que temas. Indo mais além, estudámos como é que as pessoas migrantes e racializadas participam nos média e desfazem ativamente as teias da invisibilidade.

Reunindo uma equipa multidisciplinar, oriunda de diferentes geografias, o projeto realizou um levantamento de média digitais alternativos em Portugal, tendo sido selecionados cinco para uma análise mais aprofundada. Paralelamente, foi realizado o mapeamento de curtas-metragens sobre a temática e um levantamento sobre o ativismo migrante, com a realização de entrevistas aprofundadas. As entrevistas realizadas deram origem à produção de curtas-metragens, que têm sido usadas em contextos educativos para estimular o debate e consciencialização sobre migrações e comunicação intercultural.

Neste contexto, o programa do congresso foi planeado para combinar debate académico, lançamentos de livros, exposições de filmes e exposições de arte, criando uma experiência intelectual inspirada numa abordagem interseccional e decolonial. Entretanto, a energia elétrica era essencial para que o evento acontecesse do modo como foi planeado, a infraestrutura invisível que sustenta a nossa vida quotidiana revelou-se frágil. A perturbação que sentimos por essa experiência de vulnerabilidade no nosso lugar de privilégio, em apenas umas horas sem acesso ao que consideramos “básico”, fez-nos lembrar o quanto tendemos a esquecer as vivências e o sofrimento das pessoas que diariamente lutam pela sobrevivência, vítimas de guerras e/ou de sistemas opressores extrativistas, num mundo alegadamente “pós-colonial”.

Curiosamente, esse acontecimento emblemático atingiu-nos justamente durante um evento dedicado a fomentar reflexões críticas e a promover iniciativas que ampliam

e tornam mais inclusiva a compreensão das migrações no mundo contemporâneo. A partir das múltiplas dimensões da comunicação, da cultura visual, do ativismo e da cidadania, buscava-se compreender o papel dessas práticas na (re)configuração de espaços e poéticas relacionais, bem como na promoção de uma escuta atenta.

Apesar de alguns prejuízos inevitáveis, como transportes cancelados que impediram a chegada de alguns participantes ou a instabilidade na plataforma de transmissão das sessões online, mesmo após o restabelecimento da energia (a partir do segundo dia do evento), com a colaboração de todos os envolvidos, redefinimos formatos, horários, insistimos na presença e no debate. Este livro é um dos produtos destes três dias de encontros, trocas e reflexões. Estão reunidos aqui 15 capítulos, provenientes de apresentações orais no congresso e submetidos a um processo de revisão por pares. Participam desta edição alguns dos trabalhos científicos apresentados no evento, submetidos pelos participantes, bem como propostas de oradores convidados. Seguimos a mesma perspectiva de valorização da diversidade linguística adotada no congresso, onde as línguas oficiais eram o português e o inglês, mas também foram apresentadas comunicações e intervenções artísticas em castelhano, francês e galego. Nesta edição, cada capítulo está apresentado no idioma escolhido pelos autores.

O livro contempla a abordagem de um vasto leque de temáticas, entre as quais destacamos, por exemplo, o debate sobre as políticas migratórias na Europa, presente no texto de abertura, “Policies of Migrants’ Integration in Europe: Backlash, not Backslide” (Políticas de Integração de Migrantes na Europa: Retaliação, Não Retrocesso), de Isabel Estrada Carvalhais. Neste capítulo, a autora aborda novas e antigas retóricas sobre a imigração, bem como o afastamento entre as políticas migratórias europeias e a compreensão da cidadania e do acesso a direitos fundamentais por pessoas migrantes, evidenciando históricas incapacidades de lidar com a alteridade. Na sequência, Susana de Andrés, Manuel Chaparro e Lidia Peralta debatem relações entre migrações e direitos humanos, em “Hacer Explícito el Enfoque de Derechos Humanos en los Contenidos Periodísticos Sobre Migración” (Tornar Explícita a Abordagem dos Direitos Humanos nos Conteúdos Jornalísticos Sobre Migração), ao apresentar uma investigação sobre a frequência e o contexto em que os termos “migração” e “direitos humanos” aparecem juntos nas peças jornalísticas, discutindo as implicações da baixa coexistência destes dois campos semânticos.

Sem seguir uma ordem linear, destacamos que os capítulos deste livro situam os debates sobre migrações e comunicação em variados média, como na análise de produções cinematográficas, proposta por Raissa Baroni, em “Italian Filmmakers With Migration Backgrounds Engaging With Intercultural Understanding” (Cineastas Italianos com Antecedentes Migratórios Comprometidos com a Compreensão Intercultural), um ensaio que evidencia como dois filmes italianos, feitos por cineastas com experiência migratória, oferecem contranarrativas às representações tradicionais da migração no Mediterrâneo. A presente obra inclui, também, textos sobre representações das migrações e pessoas migrantes em jornais, como em “Fronteira do Tempo: Representações de Pessoas Refugiadas nos Jornais Locais e a Relevância da Coetaneidade”, de Daniela Monteiro e Emília Araújo, que aborda a construção

temporal nas representações de pessoas refugiadas como “à espera”, nas notícias de jornais regionais portugueses, o que contribui para a sua estigmatização e invisibilização. Ou, ainda, a discussão proposta por Alice Balbé, em “Nem Todos Imigram Porque Querem: Como os Média Noticiam as Migrações Climáticas”, sobre a forma como os média noticiam as migrações climáticas e o impacto das alterações climáticas nas migrações, a partir da análise de notícias em língua portuguesa.

Há também um conjunto de textos que aborda a participação e o acesso de pessoas migrantes à informação no contexto digital. Em “Migrants’ Trust, Equity, and Inclusion in Digital Public Services: A Focus on Information Access and Use” (Confiança, Equidade e Inclusão dos Migrantes nos Serviços Públicos Digitais: Foco no Acesso e no Uso da Informação), Zahra Hosseini discute como o acesso de pessoas migrantes à informação pública digital na Finlândia é moldado por desafios socioculturais – como língua, literacia digital, redes de comunicação e familiaridade com o sistema –, que afetam a inclusão, a confiança e o pertencimento. Jessica Gustafsson, por sua vez, em “Alternative Pathways to Journalism and Inclusive Spaces for Marginalised Voices” (Caminhos Alternativos Para o Jornalismo e Espaços Inclusivos Para Vozes Marginalizadas), debate como os média podem representar espaços alternativos importantes em um contexto de crescente sentimento anti-imigração. Ao analisar o caso da iniciativa sueca, Fanzingo, a autora evidencia como o trabalho com jovens marginalizados pode diversificar as narrativas e fortalecer as suas vozes.

Nesta mesma perspetiva da comunicação digital como espaço de maior inclusão, Júlia Afonso Lyra, em “Migrantes Conectados: Desafios e Possibilidades Etnográficas Para o Estudo de Dinâmicas Migratórias em Rede”, a partir de uma investigação com influenciadores venezuelanos no Brasil, descreve os desafios e possibilidades das etnografias digitais em estudos de comunicação e migração. Ainda no campo da comunicação digital, Dalvacir Xavier de Oliveira Andrade, em “Migrações e Plataformização: Refletindo Sobre a Relação Entre Plataformas e Trabalho Digital de Imigrantes”, analisa como imigrantes brasileiros em Portugal usam o YouTube, mostrando como as suas práticas digitais combinam trabalho, visibilidade e vigilância. A autora introduz a noção de “narrativa comercial da imigração” para discutir questões como o pertencimento, o reconhecimento e a sobrevivência, mediados por plataformas e algoritmos.

O papel da conectividade digital na organização e ativismo político, oferecendo novas ferramentas para compreender políticas públicas e narrativas anti-imigração, também é debatido por Carmen Beatriz Fernández e Daniel Montero em “Migration and Digital Political Activism: The Venezuelan Case” (Migração e Ativismo Político Digital: O Caso Venezuelano), um texto que aborda o uso de dados do Facebook para mapear demograficamente e geograficamente a diáspora venezuelana, estimada em 7,7 milhões de pessoas, destacando a sua presença em países como o Brasil, a Colômbia e os Estados Unidos da América.

A diversidade desta coletânea também se observa na reunião de reflexões sobre diferentes realidades geográficas e políticas. Por exemplo, Gabriel Benguela, no texto

“Representação Mediática da Agenda Político-Governativa Sobre as Minorias Étnicas em Angola”, analisa como os média representam as minorias étnicas angolanas, indicando uma cobertura desigual e a baixa prioridade informativa. Já Leonardo Moraes Lopes e Lucas Novais abordam as relações interculturais entre Brasil e Portugal em “Carnaval em Diálogo: Quilombos Contemporâneos e a Interação Cultural Entre as Escolas de Samba do Rio de Janeiro e o Carnaval de Estarreja”, um texto no qual os autores refletem sobre a transposição do modelo carioca de escolas de samba para Estarreja, Portugal, analisando a estética, a performance e o contexto social. O olhar a partir das relações interculturais está presente também no texto proposto por Andrea Imaginario Bingre, “Iniciativas Interculturales de la Inmigración portuguesa en Venezuela: El Instituto Portugués de Cultura” (Iniciativas Interculturais da Imigração Portuguesa na Venezuela: O Instituto Português de Cultura), que analisa o papel do Instituto Português de Cultura na Venezuela, destacando a sua atuação como agente de interculturalidade e de representação cultural em um contexto migratório marcado por estereótipos.

Cabe ainda destacar a permanência das questões em aberto e da coexistência de posições divergentes também nesta obra que abriga, por exemplo, dois princípios metodológicos distintos na análise de discursos de ódio e xenofobia. Lucas Arantes Zanetti e Denise Cogo, em “Narrativas de Hierarquização Étnica e Racial Entre Ativistas Anti-Imigração Portugueses em Plataformas Digitais”, propõem um exame de como ativistas anti-imigração em Portugal utilizam narrativas raciais e étnicas na rede X para justificar a rejeição a imigrantes, articulando tais discursos com o racismo e a colonialidade. Com base numa etnografia digital e entrevistas, apresentam-se explicitamente os conteúdos ou motivações racistas que sustentam a mobilização do ativismo anti-imigração. Por outro lado, Antonio Carlos Fausto da Silva Júnior e Carlos Alberto de Carvalho, em “Me Odeie, que Eu Te Odeio de Volta: Dimensões Relacionais e de Reversibilidade da Xenofobia?”, adotam um princípio ético de não reprodução de imagens e/ou textos integrais que caracterizam como portadores de matiz xenófobo, apresentando apenas dados que possibilitam a análise. Os autores entendem que, ao reproduzir tais conteúdos, podem, mesmo que involuntariamente, fazer parte de redes de violência, como as próprias da xenofobia e de suas dinâmicas de outrificação desumanizadora. Assim, argumentam que a reprodução de piadas ou *memes* depreciativos pode atuar na mesma direção da xenofobia que desumaniza e se agrava quando combinada a outros preconceitos, representando um obstáculo à promoção dos direitos humanos.

Inspiradas pelo conteúdo e pelos debates suscitados neste encontro de ideias, convidamos as pessoas leitoras ao exercício de questionar, repensar e reconstruir, tão necessário para compreender a era planetária, um tempo em que estamos profundamente interconectados. Que este livro, assim como o congresso que “sobreviveu a um apagão”, inspire reflexões sobre as migrações e as formas pelas quais nos comunicamos – como pessoas, grupos, comunidades e sociedades.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado no âmbito do projeto *MigraMediaActs – Migrações, Media e Ativismos em Língua Portuguesa: Descolonizar Paisagens Mediáticas e Imaginar Futuros Alternativos* (PTDC/COM-CSS/3121/2021), financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P, em parceria com o projeto *CONCILIARE – Confidently Changing Colonial Heritage*, financiado pela Comissão Europeia no quadro do programa Horizon Europe Research and Innovation Actions (Acordo de subvenção N.º 101132582). Este trabalho é também financiado no âmbito do financiamento plurianual do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade 2025–2029, referência UID/00736/2025, pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Media (In)Visibilities and Migrations: Challenging Silences and Erasures

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.196.1>

Rosa Cabecinhas

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-1491-3420>
cabecinhas@ics.uminho.pt

Luiza Lins

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-6131-9264>
luizaalins@gmail.com

Isabel Macedo

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-4107-3997>
isabelmaced@gmail.com

On 28 April 2025, Portugal and Spain experienced what was considered the largest European energy failure in more than 20 years, prompting an extensive disinformation campaign that included narratives ranging from Russian cyberattacks to atmospheric anomalies. The official technical report, published a few months later, concluded, among other findings, that the failure originated from oscillations in the Iberian electrical system, which led to a voltage rise beyond operational limits. However, it is not the technical aspects that justify the presence of this event in this introduction, but rather the understanding that this was not merely a “energy failure”: it was a shift in the ways of life and of the connectivity to which we are accustomed and which we take for granted. For many hours (in the city of Braga, the power outage lasted around 11 hours, but in many households, electricity and running water were only restored by the middle of the following day), there was a change of routine and of a so-called communicational “normality”.

It was precisely on 28 April that the international conference “Migrations and Communication in the Planetary Era: Debates and Actions” began, more specifically,

its pre-event, which started in the morning with a guided visit to the city led by Chisoka Simões, entitled “Crossed Histories: Colonialism and the Paths towards Decoloniality in Braga”. As the visit was coming to an end, we began to notice that people around us were showing signs of anxiety and constantly checking their mobile phones. Several of us started receiving alarming messages on our phones. When the guided visit ended, the restaurant we had booked for lunch was unable to operate. The pre-event was profoundly affected by the energy failure, forcing reflections and decisions about reconfigurations, including how to communicate to all those involved, the possibilities of holding it without access to electricity or an internet connection, among other questions.

Despite the uncertainty, we decided to go ahead with the afternoon pre-conference, scheduled for the auditorium of the Lúcio Craveiro da Silva Library, which included a round table and a screening and discussion session of short films from the *MigraMediaActs* project. With no clear information about the cause of the power cut and no forecast for its end, we held a unique session, in a circular format, relying solely on orality and natural light. Communication was discussed without access to the technical apparatus and digital connections we have become accustomed to. The debate was lively, and we remained at the library until almost dusk. When we left the library, we felt as though we were outside the world. Many essential goods had sold out in supermarkets, leaving us dependent on small neighbourhood shops, local producers and/or migrant-run businesses.

Although several conference participants had arrived in Braga the day before, the vast majority were scheduled to arrive on that day. Some of our international guests, upon arriving in Braga on the afternoon of 28 April (a city that some were visiting for the first time), encountered an unprecedented situation: ATMs were closed, restaurants were shut, and no mobile network, which prevented not only distance communication but also the usual electronic payments and digitally assisted navigation. In this circumstances, it was necessary to find alternative places to meet and eat. Without access to digital maps or communication via electronic devices, we drew maps by hand and distributed them to various hotels in the city, along with simple navigation instructions to a meeting point at the end of the day. By candlelight and amid great uncertainty, emotions were shared, and “contingency” plans were made for the following day.

On the morning of 29 April, despite the return of electricity, the Zoom platform was still not functioning, and it was not possible to carry out the planned live streaming of the sessions for remote participants, resulting in unexpected extra work to reschedule the online sessions. The morning coffee break arrived late, as bakeries were unable to operate at their usual hours and several other logistical issues had not yet been resolved. Nevertheless, despite all the contingencies, our memory of those days is one of deep exchange of ideas, mutual learning and intense sharing.

The international conference “Migrations and Communication in the Planetary Era: Debates and Actions” took place from 28 to 30 April at the University of Minho. The event was organised as the closing conference of the project *MigraMediaActs*

– *Migrations, Media and Activisms in the Portuguese Language: Decolonising Media Landscapes and Imagining Alternative Futures*, funded by the Foundation for Science and Technology and hosted by the Communication and Society Research Centre. As mentioned, the conference activities began on 28 April with the pre-event “(De)colonial Visions: Dialogues in Visual Culture, Alterities and Artivism”, organised in partnership with the Visual Culture Working Group of the Portuguese Association of Communication Sciences, the project *CONCILIARE – Confidently Changing Colonial Heritage*, and the master’s degree in Media Arts.

Still within the framework of the conference programme, throughout the month of April, the film cycle “(Sur)vivals in a Hostile World – Views on Exclusions and Resistances” took place at the Lúcio Craveiro da Silva Library, organised by Lucky Star – Cineclube de Braga, in partnership with the *MigraMediaActs* project and the Citizens’ Forum for the Eradication of Poverty – Braga, associated with the Northern European Anti-Poverty Network. This cycle presented films on migrations and social inequalities and included the presence of filmmakers, academics and activists, providing moments of reflection with the community.

For 29 and 30 April, an extensive programme was planned, including book and academic journal launches, more than 15 sessions for the presentation of scientific papers, as well as film screenings, debates with filmmakers and artistic interventions. The programme involved, in person and/or online, more than 160 participants from Africa, Asia, Europe and Latin America, including lecturers, students, researchers, artists and activists. Given the scale of the conference and the large number of participants already in the city after long journeys, it was concluded that proceeding with the activities was necessary, even if some significant adaptations were required. To proceed, above all, so that it would be possible to discuss and challenge erasures, silences and media (in)visibilities.

The initial proposal for the conference was to create a space to question, rethink, and reconstruct community pathways through communication, in a fragmented and polarised planetary context, where everyday *faits divers* are endlessly propagated by the media while genocides are silenced. Indeed, at the same time as there is a withdrawal of investment in public policies aimed at guaranteeing everyone the enjoyment of a dignified and happy life, there is a rush towards armament, walls are erected to prevent the entry of “illegal immigrants”, and costly and invasive mechanisms of electronic surveillance and automated profiling are implemented with the help of so-called Artificial Intelligence, determining who deserves to live with dignity and who counts only as a statistic.

The current media ecosystem – the so-called big tech, platformisation and datafication – has contributed to the normalisation of war and the banalisation of the suffering of the Other, replicating old patterns of inattention and invisibilisation of minoritised groups, namely migrants and racialised people. Thus, while the planet’s resources are depleted, further aggravating situations of extreme poverty and the effects of climate change, bellicose and exclusionary imaginaries are reified.

As Manuel Chaparro rightly stressed in the opening plenary session of the conference, we cannot remain silent about the genocide currently taking place in Gaza. Some wars are forgotten by the media, while others are constantly present. Yet, their victims are silenced and erased as persons, with almost all airtime occupied by the voices of those who fuel war while allegedly negotiating peace without the participation of the people who live in the affected territories or who have been forced to leave them. Those are merely numbers, shadows amid the rubble, outstretched arms and desperate looks – images that make us close our eyes and gradually desensitise us to the suffering of the Other.

The *MigraMediaActs* project had the general objective of analysing media content in Portuguese language, seeking to understand how processes of decolonisation of media landscapes develop and how different social actors contribute to these processes. Throughout the project, various media were analysed to understand who is listening to, how and on what topics. Going further, we studied how migrant and racialised people participate in the media and actively dismantle the webs of invisibility.

Bringing together a multidisciplinary team from different geographical contexts, the project carried out a survey of alternative digital media in Portugal, from which five were selected for more in-depth analysis. In parallel, a mapping of short films on the topic was conducted, as well as a survey of migrant activism, through in-depth interviews. These interviews led to the production of short films, which have been used in educational contexts to stimulate debate and raise awareness about migration and intercultural communication.

In this context, the conference programme was designed to combine academic debate, book launches, film screenings and art exhibitions, creating an intellectual experience inspired by an intersectional and decolonial approach. However, electricity was essential for the event to take place as planned, and the invisible infrastructure sustaining our daily lives proved fragile. The disturbance we felt due to this experience of vulnerability in our position of privilege – after just a few hours without access to what we consider “basic” – reminded us of how much we tend to forget the lived experiences and suffering of people who struggle daily for survival, victims of wars and/or extractivist oppressive systems, in an allegedly “post-colonial” world.

Interestingly, this emblematic event struck us precisely during a meeting dedicated to fostering critical reflections and promoting initiatives that broaden and make more inclusive the understanding of migrations in the contemporary world. From the multiple dimensions of communication, visual culture, activism and citizenship, the aim was to understand the role of these practices in the (re)configuration of spaces and relational poetics, as well as in promoting attentive listening.

Despite some unavoidable losses, such as cancelled transport preventing the arrival of some participants or instability in the platform used to stream online sessions even after electricity was restored (from the second day of the event onwards), with the collaboration of everyone involved, we redefined formats and schedules and

insisted on presence and debate. This book is one of the outcomes of these three days of encounters, exchanges and reflections. It brings together 15 chapters, originating from oral presentations at the conference and submitted to a peer-review process. This edition includes some of the scientific papers presented at the event and submitted by participants, as well as contributions from invited speakers. We follow the same perspective of valuing linguistic diversity adopted at the conference, where the official languages were Portuguese and English, but where papers and artistic interventions were also presented in Spanish, French and Galician. In this edition, each chapter is presented in the language chosen by the authors.

The book addresses a wide range of themes, among which we highlight, for example, the debate on migration policies in Europe, present in the opening chapter, “Policies of Migrants’ Integration in Europe: Backlash, Not Backslide”, by Isabel Estrada Carvalhais. In this chapter, the author discusses new and old rhetorics on immigration, as well as the distancing between European migration policies and understandings of citizenship and access to fundamental rights for migrants, highlighting historical incapacities in dealing with alterity. Subsequently, Susana de Andrés, Manuel Chaparro and Lidia Peralta debate the relationship between migrations and human rights in “Hacer Explícito el Enfoque de Derechos Humanos en los Contenidos Periodísticos Sobre Migración”, presenting research on the frequency and context in which the terms “migration” and “human rights” appear together in journalistic pieces and discussing the implications of the low coexistence of these two semantic fields.

Without following a linear order, we note that the chapters in this book situate debates on migrations and communication across various media, such as the analysis of film productions proposed by Raissa Baroni in “Italian Filmmakers With Migration Backgrounds Engaging With Intercultural Understanding”, an essay that highlights how two Italian films made by filmmakers with migratory experience offer counter-narratives to traditional representations of migration in the Mediterranean. This volume also includes texts on representations of migrations and migrants in newspapers, such as “Fronteira do Tempo: Representações de Pessoas Refugiadas nos Jornais Locais e a Relevância da Coetaneidade”, by Daniela Monteiro and Emília Araújo, which addresses the temporal construction of representations of refugees as “waiting” in Portuguese regional newspapers, contributing to their stigmatisation and invisibilisation. Also noteworthy is the discussion proposed by Alice Balbé in “Nem Todos Imigram Porque Querem: Como os Média Noticiam as Migrações Climáticas”, on how the media report on climate migrations and the impact of climate change on migration, based on the analysis of Portuguese-language news.

There is also a set of texts addressing migrants’ participation and access to information in the digital context. In “Migrants’ Trust, Equity, and Inclusion in Digital Public Services: A Focus on Information Access and Use”, Zahra Hosseini discusses how migrants’ access to digital public information in Finland is shaped by sociocultural challenges – such as language, digital literacy, communication networks and familiarity with the system – which affect inclusion, trust and belonging. Jessica Gustafsson, in “Alternative Pathways to Journalism and Inclusive Spaces for Marginalised Voices”,

discusses how media can represent important alternative spaces amid growing anti-immigration sentiment. Analysing the Swedish initiative Fanzingo, the author shows how working with marginalised young people can diversify narratives and strengthen their voices.

From this same perspective of digital communication as a space for greater inclusion, Júlia Afonso Lyra, in “Migrantes Conectados: Desafios e Possibilidades Etnográficas Para o Estudo de Dinâmicas Migratórias em Rede”, based on research with Venezuelan influencers in Brazil, describes the challenges and possibilities of digital ethnographies in communication and migration studies. Still within the field of digital communication, Dalvacir Xavier de Oliveira Andrade, in “Migrações e Plataformização: Refletindo Sobre a Relação entre Plataformas e Trabalho Digital de Imigrantes”, analyses how Brazilian immigrants in Portugal use YouTube, showing how their digital practices combine work, visibility and surveillance. The author introduces the notion of the “commercial narrative of immigration” to discuss issues such as belonging, recognition and survival, mediated by platforms and algorithms.

The role of digital connectivity in organisations and political activism, offering new tools for understanding public policies and anti-immigration narratives, is also discussed by Carmen Beatriz Fernández and Daniel Montero in “Migration and Digital Political Activism: The Venezuelan Case”. This text uses Facebook data to map the Venezuelan diaspora, estimated at 7.7 million people, highlighting its presence in countries such as Brazil, Colombia, and the United States of America.

The diversity of this collection is also evident in the gathering of reflections on different geographical and political realities. For example, Gabriel Benguela, in “Representação Mediática da Agenda Político-Governativa Sobre as Minorias Étnicas em Angola”, analyses how Angolan ethnic minorities are represented in the media, indicating uneven coverage and low news priority. Leonardo Morais Lopes and Lucas Novais address intercultural relations between Brazil and Portugal in “Carnaval em Diálogo: Quilombos Contemporâneos e a Interação Cultural entre as Escolas de Samba do Rio de Janeiro e o Carnaval de Estarreja”, reflecting on the transposition of the Rio de Janeiro samba school model to Estarreja, Portugal, analysing aesthetics, performance and social context. An intercultural perspective is also present in the text by Andrea Imaginario Bingre, “Iniciativas Interculturales de la Inmigración Portuguesa en Venezuela: El Instituto Portugués de Cultura”, which analyses the role of the Portuguese Institute of Culture in Venezuela, highlighting its action as an agent of interculturality and cultural representation in a migratory context marked by stereotypes.

It is also worth highlighting the persistence of open questions and the coexistence of divergent positions in this volume, which includes, for example, two distinct methodological principles in the analysis of hate speech and xenophobia. Lucas Arantes Zanetti and Denise Cogo, in “Narrativas de Hierarquização Étnica e Racial Entre Ativistas Anti-Imigração Portugueses em Plataformas Digitais”, examine how anti-immigration activists in Portugal use racial and ethnic narratives on the X platform to justify the rejection of immigrants, articulating such discourses with racism

and coloniality. Based on digital ethnography and interviews, the explicitly racist content or motivations underpinning anti-immigration activism are presented. In turn, Antonio Carlos Fausto da Silva Júnior and Carlos Alberto de Carvalho, in “Me Odeie, que Eu Te Odeio de Volta: Dimensões Relacionais e de Reversibilidade da Xenofobia?”, adopt an ethical principle of not reproducing images and/or full texts characterised by xenophobic undertones, presenting only data that allow analysis. The authors argue that reproducing such content may, even unintentionally, make one part of networks of violence, such as those inherent to xenophobia and its dynamics of dehumanising othering. They therefore contend that reproducing derogatory jokes or memes can act in the same direction as xenophobia, which dehumanises and intensifies when combined with other prejudices, representing an obstacle to the promotion of human rights.

Inspired by the content and debates generated by this exchange of ideas, we invite readers to engage in questioning, rethinking and reconstructing, so necessary to understanding the planetary era – a time in which we influence one another and are deeply interconnected. May this book, like the conference, inspire reflections on migrations and the ways in which we communicate – as individuals, groups, communities and societies.

Acknowledgements

This work was carried out within the framework of the project *MigraMediaActs – Migrations, Media and Activisms in the Portuguese Language: Decolonising Media Landscapes and Imagining Alternative Futures* (PTDC/COM-CSS/3121/2021), funded by national funds through the FCT – Foundation for Science and Technology, I.P., in partnership with the project *CONCILIARE – Confidently Changing Colonial Heritage*, funded by the European Commission under the Horizon Europe Research and Innovation Actions programme (Grant Agreement No. 101132582). This work is funded under the multi-annual funding of the Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade 2025–2029, reference UID/00736/2025, by the Foundation for Science and Technology, 2025–2029,2025, pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.